

50 ANOS DO 25 DE ABRIL

SEMPRE

A PALAVRA, O SONHO E A POESIA NA RUA

Uma instalação de Luciana Fina

25 DE ABRIL – 29 DE JUNHO 2024

SEGUNDA A SÁBADO, EXCETO FERIADOS, A PARTIR DAS 14H ATÉ AO FINAL DA ÚLTIMA SESSÃO DO DIA

articulada em três partes distintas
a instalação ocupa diversos espaços do edifício

“No fundo era interessante que daqui a um ano a gente estivesse aqui a dizer que o que foi importante em 74 foi o cinema português”. Numa entrevista para o programa televisivo cinema 74, em janeiro, Fernando Lopes idealizava as esperanças e o futuro do cinema português, prefigurando também a realidade que poucos meses depois viria a concretizar-se.

Com o 25 de Abril, muitos realizadores e documentaristas entram em campo para observar e participar na mudança do país. Nos ecrãs do cinema e da televisão começa a revelar-se tudo aquilo que vivia na constrição da invisibilidade e da censura. A interlocução com a população, as suas vidas, as culturas rurais e operárias assumem um papel central e formas diversas, com filmes que encontram a sua expressão entre um cinema de poesia, o cinema-direto, de intervenção ou de inspiração neorrealista. No processo de construção da nova sociedade, com o espírito colaborativo das cooperativas de produção, ou ainda individualmente, torna-se imperativo intrometer-se na história, documentar, mas sobretudo pensar e formular ideias para a emancipação no campo da educação, da arte e da cultura, o trabalho, a emancipação da mulher, a descolonização, a reforma agrária, a habitação, o próprio cinema e os média.

Decorridos 50 anos da Revolução dos Cravos e da entrevista de Fernando Lopes, é graças ao cinema, ao olhar e à poética destes cineastas, bem como dos radialistas e realizadores de televisão, que podemos entrar na trama dos sonhos e das perspetivas da revolução que libertou o país do fascismo.

As imagens do passado olham para nós e pedem para comparecermos diante delas. Resgatar as imagens destes arquivos é também interrogar o cinema, os seus gestos e uma ideia de futuro. Voltar a ver não diz respeito ao passado, é uma exploração das possíveis deslocções entre o passado e o presente.

É no plano da arte combinatória da montagem, entendida aqui como uma maneira de produzir sentido através da combinação de elementos e tempos heterogéneos, que procuro a tensão de um cinema reflexivo e simultaneamente generativo, para que se abra o encontro entre o Outrora e o Agora.

O procedimento, próximo ao da memória, não é um retorno do idêntico, mas algo que restitui a possibilidade daquilo que foi. O que parece estar em causa é a possibilidade de tornar o acabado novamente inacabado, respigar a imagem suspensa, permitir ao que se passou de se reinventar, recolocando assim em campo a hipótese, ou o direito, em cheque hoje, de imaginar o futuro.

Escrevia Walter Benjamin em *As Passagens de Paris*: “Cada facto histórico apresentado dialeticamente se polariza e se torna um campo de forças onde se esvazia a querela entre a sua história anterior e a sua história ulterior. Ele torna-se este campo de forças quando a atualidade penetra nele.” Outrora e Agora, entre o passado e o presente poderá também acontecer uma ideia de futuro.

Imagem, Realização e Montagem

Luciana Fina

Arquivos e Documentalistas

Sara Moreira

(Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema)

Inês Moreira e Silva

(Rádio e Televisão de Portugal)

Assistente de Realização e Montagem

Vítor Carvalho

Assistente de Produção Tiago Leonardo

2ª Câmara e Colorista Vítor Carvalho

Mistura de Som Marcelo Tavares

Black Out e Iluminação André Calado

Costureira Aldina Jesus

Audiovisuais Balaclava Noir

Agradecimentos da Artista

José Manuel Costa

Fernando Pêra

Catarina Santos

Cristina Fina

Pedro Noronha

Associação Lopes-Graça